

A ANTIGA PROCISSÃO DE NAVEGANTES EM PELOTAS – RS: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE FÉ E DEVOÇÃO

Alessandra Buriol Farinha*
Claudio Baptista Carle**

Resumo

O objeto de pesquisa deste artigo é a antiga Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, que ocorria no bairro do Porto de Pelotas, RS. O artigo objetiva recuperar dados históricos e algumas memórias da Procissão através de antigas publicações de periódicos da cidade e manuscritos do Primeiro Livro Tombo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, revisitando assim as lembranças da intensa devoção do povo de Pelotas, principalmente moradores do Bairro do Porto, na Santa Padroeira dos trabalhadores do mar. A Festa religiosa que tinha a procissão como destaque, teve origem no ano de 1932, vinculada à Paróquia Sagrado Coração de Jesus. Para a obtenção dos resultados foi realizada revisão teórica, pesquisa em antigos periódicos de Pelotas, além de pesquisa e transcrições do Primeiro Livro Tombo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus (1911). A Festa de Navegantes pode ser considerada como um fato cultural, social e religioso que contribuiu na qualificação do Bairro do Porto como um lugar de memória (NORA, 1984).

Palavras-chave: Memória; História; Procissão de Navegantes.

Abstract

The object of this article is the ancient Feast of Our Lady of Navigators, which occurred in the Port of Pelotas neighborhood, RS. The article aims to restore historical facts and some of the memories Procession through old publications of journals and manuscripts of the city Tombo First Book of Sacred Heart of Jesus Parish, thus revisiting the memories of the intense devotion of the people of Pelotas, mainly residents of Porto District, the patron saint of workers from the sea. The religious feast was highlighted as the procession, originated in 1932, linked to the Sacred Heart of Jesus Parish. To obtain the results was performed research in old journals of Pelotas, in addition to research and transcriptions of the First Book of Tombo Parish Sacred Heart of Jesus (1911). The Feast of Navigators can be considered as a cultural, social and religious fact that contributed to the qualification of Porto District as a place of memory (NORA, 1984).

Keywords: Memory; History; Procession of Navigators.

*Alessandra Buriol Farinha
Bacharel em Turismo, Mestre e
Doutoranda em Memória Social e Patrimônio
Cultural (UFPel).
alefarinha@yahoo.com.br

**Claudio Baptista Carle
Doutor em Arqueologia. Docente
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
(UFPel).
cbarle@yahoo.com.br



Introdução

A manifestação religiosa representada pelo ritual da procissão evoca o contexto sociocultural em que ela se produz. Os significados de tal manifestação estão perpetuados nas lembranças dos que a praticavam, nos objetos que dela surgiram e permaneceram e nos espaços em que ela penetrava. O objeto de pesquisa deste artigo é a antiga Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, que ocorria no bairro do Porto de Pelotas. O artigo⁸ objetiva recuperar algumas memórias da antiga Procissão através de antigas publicações de periódicos da cidade e manuscritos do Primeiro Livro Tombo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, a qual promovia a Festa de Navegantes.

A Festa religiosa que tinha a procissão como destaque, teve origem no ano de 1932, vinculada à Paróquia Sagrado Coração de Jesus, conhecida como Igreja do Porto, que completou seu centenário em 1º de novembro de 2012. Em sua formatação original, as festividades começavam no Bairro do Porto no turno da manhã, mobilizando paroquianos, associações religiosas, devotos, integrantes do clero, militares, autoridades civis, comerciantes, operários, servidores públicos, pescadores, dentre outros vários agentes sociais e munícipes em geral.

Havia procissão terrestre e fluvial. A Imagem da Santa era conduzida da Matriz Sagrado Coração de Jesus até o cais do Porto de Pelotas, embarcava, navegava em procissão fluvial pelo Canal São Gonçalo e Arroio Pelotas, acompanhada do pároco, Marinha, autoridades civis e devotos que se dividiam em dezenas de embarcações. A procissão fazia uma incursão no Arroio Pelotas e retornava ao mesmo local de embarque. Após desembarcar no Porto de Pelotas era realizada uma missa campal de encerramento no Largo da Alfândega, celebrada pelo bispo diocesano. Após a celebração, a Imagem de Navegantes era conduzida em procissão terrestre até o ponto de partida, a Igreja do Porto. Durante o trajeto de volta, ocorriam bênçãos a casas de família, empresas, Capitania dos Portos e outros. Enfeitavam-se as ruas e as casas do bairro com flores e fitas, havia intensa participação popular. Após levarem a Imagem até a Igreja do Porto, os devotos voltavam para o Largo da Alfândega, onde havia apresentações de bandas musicais, carnavalescas, atrações artísticas, jogos de quermesse, barraquinhas de gastronomia, *show* de fogos de artifício e grande festa popular. Por estas características peculiares a Festa de Navegantes pode ser considerada uma das maiores celebrações de Pelotas daquela época, um fenômeno cultural sagrado e profano, como a maior parte das festas religiosas (DEL PRIORE, 2000, p. 18).

⁸ Extraído da dissertação de mestrado “*Senhora das Águas: Memórias da antiga procissão de Navegantes de Pelotas*” (2012), do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, de autoria de Alessandra Buriol Farinha sob orientação do Prof. Dr. Cláudio Baptista Carle. Pesquisa realizada com o apoio da CAPES.



A Imagem da Virgem Maria e a Festa de Navegantes foram transferidas para a Colônia de Pescadores Z-3 de Pelotas, há 25 km do Bairro do Porto, nos anos 1970. Foi verificado na fala dos moradores do bairro o sentimento de ausência, perda, esquecimento com relação ao afastamento da Imagem da Santa e a transferência da Festa. Hoje a Imagem de Navegantes original, que por décadas percorreu as ruas e as águas do bairro do Porto sendo aclamada em Procissão terrestre e fluvial, encontra-se no Santuário de Navegantes da Colônia de Pescadores Z-3, e não participa das festividades, sequer visita a Paróquia Sagrado Coração de Jesus do Porto de Pelotas no dia 02 de fevereiro, dia da Festa de Navegantes.

O estudo justifica-se por recuperar dados históricos e algumas memórias da antiga Procissão de Navegantes em Pelotas, revisitando assim as lembranças da intensa devoção do povo de Pelotas, principalmente moradores do Bairro do Porto, na Santa Padroeira dos trabalhadores do mar.

Para a obtenção dos resultados foi realizada pesquisa em antigos periódicos de Pelotas⁹ do acervo da Biblioteca Pública Pelotense, entre os meses de janeiro a julho de 2012. A pesquisa iniciou com os jornais do ano de 1932, quando aconteceu a primeira Festa de Navegantes, e anualmente, foram colhidos dados até o ano de 1972, quando a mesma já não ocorria no Bairro do Porto. Foi realizada também pesquisa e transcrições do Primeiro Livro Tombo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus (1912). As imagens utilizadas são do acervo pessoal dos autores e dos periódicos pesquisados.

A amplitude da antiga Festa de Navegantes em termos de diversidade cultural e social, participação popular, demonstrações de fé, apoio e incentivo de famílias e empresários da cidade, atuação de autoridades civis e militares, dentre outros aspectos encontrados em documentos e relatos orais, demonstram o quão importante esta era para a cidade de Pelotas. O território onde se realizava a festa, o Bairro do Porto, na época vivenciava intensa atividade logística, industrial, comercial e estas atividades se relacionavam diretamente com a vida das pessoas que moravam na zona portuária da cidade. Naquele tempo a população do bairro era constituída por trabalhadores, operários das indústrias locais e suas famílias. De acordo com Essinger (2009, p. 13), esses atores sociais participavam ativamente das festividades de Navegantes. Pode-se aferir, portanto, que os devotos de Navegantes, paroquianos da Matriz Sagrado Coração de Jesus, que participavam das festividades da antiga procissão, pertenciam a este contexto social, que vivia na zona portuária e de alguma forma se relacionava com ela (trabalho, escola, família, vizinhança). Esta relação criada entre o espaço e as pessoas pode ter potencializado a devoção a Nossa Senhora dos Navegantes, objeto deste estudo.

As publicações dos periódicos falam sobre a relevância social da Festa de Navegantes, da participação de empresários, fábricas do bairro, do valor atribuído às bênçãos aos

⁹ Principalmente o Jornal Diário Popular, pois o acervo continha edições ininterruptas, para melhor estabelecer a comparação entre as publicações anuais.

estabelecimentos, da comoção social dos munícipes, autoridades, dentre outros no cenário sociocultural de Pelotas no começo e meados do século XX.

Aspectos históricos da Festa de Navegantes na memória em periódicos

A crença religiosa e o ritual confrontam e confirmam-se mutuamente. O *ethos* está diretamente relacionado com as crenças (GEERTZ, 1989, p. 144). Através da religiosidade o indivíduo pode interpretar suas experiências e organizar suas condutas, ponderar e refletir sobre aspectos íntimos. De acordo com o autor, os significados só podem ser armazenados através de símbolos.

Tais símbolos, dramatizados em rituais e relatados em mitos, parecem resumir, de alguma maneira, pelo menos para aqueles que vibram com eles, tudo que se conhece sobre a forma como é o mundo, a qualidade de vida emocional que ele suporta, e a maneira como deve comportar-se quem está nele (GEERTZ, 1989, p. 144).

A procissão de Navegantes é entendida como um sistema simbólico, no qual as dramatizações rituais relatam os mitos que a envolvem. Há uma vibração própria, de amplo fundo mítico, em cujo momento a forma do mundo parece unificada. Está expressa ali uma “qualidade de vida emocional” em que os diversos grupos se unificam e comportam-se de forma a expressar o que se espera deles. Há uma conformidade, uma aproximação, um elo simbólico e emocional que qualifica o processo.

A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes pode ser considerada um símbolo religioso da devoção mariana no Bairro do Porto, a Santa era considerada a Padroeira da Paróquia Sagrado Coração de Jesus (PRIMEIRO LIVRO TOMBO, 1912) e, conforme a fala dos moradores locais permanece sendo, principalmente para antigos moradores.

Conforme ressaltado, o Primeiro Livro Tombo da Paróquia do Porto (1912) menciona a celebração de uma Festa de Navegantes em 1920, em proporções modestas. No Livro Tombo não foram encontradas referências de que houve Festas de Navegantes de 1920 até 1932, quando se realizou a primeira. Neste ano, foram encontradas no periódico Diário Popular, durante todos os dias da semana que antecederam a Primeira Festa de Navegantes de Pelotas, menções, notas, informações e convites para a participação na primeira procissão de Navegantes. Publicações que ocupavam espaço privilegiado no periódico, conforme se pode verificar nas Figuras 01 e 02. Abaixo, seguem textos transcritos do periódico de 28 de janeiro de 1932, no espaço denominado “Vida Religiosa”:

Nossa Senhora dos Navegantes: Procissão no São Gonçalo. Domingo, 31, às 16 horas. Tocarão duas bandas de música e comparecerão irmandades, sua excelência D. Joaquim e o povo. Embarcações não inscritas não poderão participar. De São Lourenço do Sul e Rio Grande virão assistir a Procissão



conduzindo inúmeras pessoas, diversas embarcações, o que mais realce vão imprimir a cerimônia religiosa, tornando movimentado nosso Porto (DIÁRIO POPULAR, 28 de janeiro de 1932).

Venda de ingressos que darão direito às embarcações serão feitas no acto do embarque pelos representantes das instituições Pias ali presentes. O ingresso custa apenas 500 reis por passageiro (DIÁRIO POPULAR, 28 de janeiro de 1932).

Toda a iluminação do Largo da Praça Domingos Rodrigues e ruas adjacentes será feita gentilmente pela Light and Power, que também manterá seus bondes em contínuo tráfego para o Porto até altas horas (DIÁRIO POPULAR, 28 de janeiro de 1932).

Das 16 às 20 horas está proibido o tráfego de pequenas embarcações (DIÁRIO POPULAR, 28 de janeiro de 1932).

Nas notícias, destaca-se a presença do bispo, Dom Joaquim, venda de ingressos, regras para navegação, alteração na rotina de bondes e iluminação, dentre outras. Nos dias 30 e 31 de janeiro de 1932, também no periódico Diário Popular, as informações sobre a grande Festa de Navegantes se acumulam, enfatizando a programação e a importância dos financiadores do evento religioso. Há uma sequência explicitada do processo no sentido de informação ao senso comum, mas já elencando a importância do ritual que se seguiria, previamente estabelecido com as ações hierarquizadas das suas autoridades envolvidas. Cabe ao representante da Igreja o ato sagrado e a distribuição de indulgências¹⁰, “*delicadas lembranças*”, e aos representantes laicos as outras grandes atividades não sagradas, mas que darão grandiosidade à festa.

O embarque da Santa será no Hiate Crystal. Por ocasião do desembarque da Virgem dos mares será feita pelo Padre Chierichetti uma oração a Nossa Senhora dos Navegantes e uma pelo Brasil, sendo distribuídas delicadas lembranças da Festa. Às 21:00 retreta pela Banda da 9ª R. I. Às 22:00 vistosos fogos de artifício (DIÁRIO POPULAR, 30 de janeiro de 1932).

O delegado da Capitania dos Portos Capitão Tenente Alberto Jorge de Carvalho e com o auxílio de uma comissão de pessoas gradas e firmas comerciais (DIÁRIO POPULAR, 31 de janeiro de 1932).

Esta última notícia, de 31 de janeiro, dentre outras sobre a Festa de Navegantes ocupa o espaço de metade de uma folha do jornal, e exibe uma fotografia do Capitão dos Portos em tamanho grande, este que é uma autoridade, e que torna possível o evento, o nome de cada um dos festeiros, dentre famílias e empresas comerciais, e o nome das embarcações inscritas para a participação na procissão fluvial. É possível aferir através da notícia que os festeiros pertenciam a alta classe econômica de Pelotas, e o ato de financiar a festa lhes faziam pessoas e empresas “*gradas*”, daí os interesses sociais em financiar a Festa de Navegantes.

A notícia ainda informa sobre detalhes da ornamentação em arco de flores construídos para a procissão na esquina da Alfândega e no Cais do Porto, a proibição da participação na

¹⁰ “Qualidade de indulgente, clemência, misericórdia. Tolerância, benevolência. Remissão total ou parcial das penas relativas aos pecados” (FERREIRA, 2004, p. 1098). Também realizado nos processos de procissão com o uso de um objeto de piedade, devidamente benzido por um padre (folhetos, crucifixos, medalhas bentas, etc.).

procissão fluvial sem a devida inscrição e da navegação em pequenas embarcações das 16 às 20 horas, sintetizando algumas normas e regras que partiam da organização do evento.

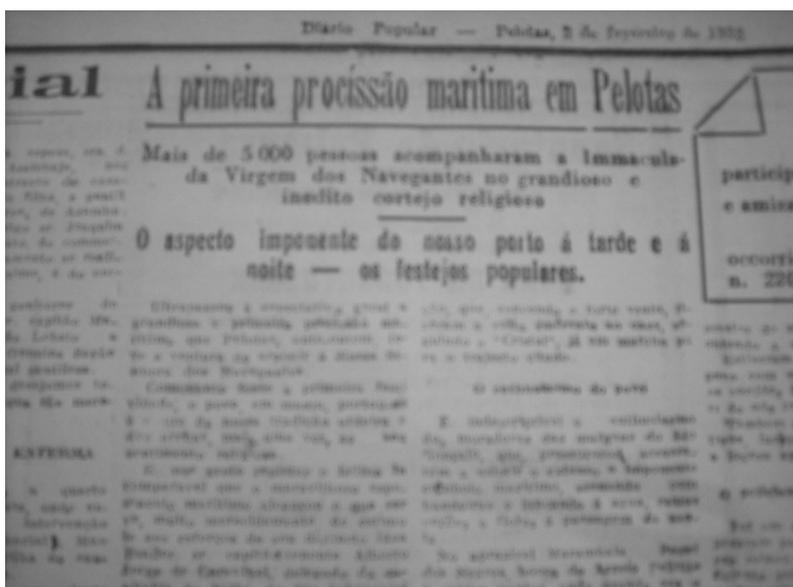
O mesmo periódico noticia posteriormente a participação de mais de cinco mil pessoas na Festa de Navegantes, “*A primeira procissão marítima de Pelotas*” no dia 02 de fevereiro de 1932, conforme pode se verificar nas Figuras 01 e 02. É importante ressaltar a forma como o jornal já previa o lugar, não dando o destaque à caminhada da Igreja do Porto até o embarque, à procissão terrestre, mas sim apenas à procissão embarcada, talvez como uma forma de promover a zona portuária. Informa que outras cidades se farão representar com barcos e alerta que é necessário comprar ingresso com representantes “das instituições Pias” (o que pode ser entendido como das navegações ou como dos devotos), para embarcar. Indica que além das bandas, se fará presente a autoridade eclesiástica católica, as irmandades católicas e o povo, ou seja, cria-se um texto de afirmação das distintas posições funcionais hierárquicas na Festa de Navegantes.

Figura 1- Notícia da Primeira Procissão de Navegantes de Pelotas



Fonte: Diário Popular, 02 de fevereiro de 1932.

Figura 2: Destaque da Notícia da Primeira Procissão de Navegantes de Pelotas



Fonte: Diário Popular, 02 de fevereiro de 1932.

Em termos de benefícios de logística para os devotos e participantes, para incentivar a participação destes no evento religioso e afirmando o apoio de empresas públicas e privadas na organização da procissão terrestre, indica a iluminação na Praça Domingos Rodrigues (à frente da Alfândega) e ruas ao redor, como uma cortesia da empresa Light and Power. Para preservar o fluxo ao local, seriam mantidos “*bondes em contínuo tráfego para o Porto até altas horas*”.

Em pesquisa no Primeiro Livro Tombo da Paróquia (1912), foi possível encontrar, de próprio punho do idealizador deste grandioso evento religioso da cidade, o Padre Luiz Chierichetti, a narrativa da primeira Festa de Navegantes:

Pela vez primeira nesta cidade de Pelotas, celebrou-se com extraordinária imponência a festa de N. Sra. dos Navegantes. Foi iniciador das solenidades o delegado da Capitania do Porto, Sr. Capitão Ten. Jorge Alberto Carvalhal, a quem fica aqui registrado um voto de louvor; para a realização das festas concorreram as principais firmas estabelecidas no Porto, com as quais foi formada a comissão dos festejos. (...) Dia 31, às 10h, houve missa solene de N. Sra. dos Navegantes, após a bênção do barco miniatura “Pelotas”, doado pela comissão de festas e bento pelo Rvmo¹¹. Pároco, P. Luiz Gonzaga A. Chierichetti. (...) Às 15h30 saiu solene procissão com a imagem de N. Sra. dos Navegantes, levada em rico andor por marinheiros, pelas ruas Gomes Carneiro, Barroso, Benjamin Constant em direção ao cais. Aí se achavam atracadas dezenas de embarcações, que todas deveriam acompanhar a solene procissão marítima (sic)¹² pela primeira vez aqui a realizar-se. Na embarcação em que ia Nossa Senhora tomaram parte o clero, as Filhas de Maria desta Matriz, todas uniformizadas, membros da comissão de festas e mais pessoas gradas. (...) Às 16h, sob a chefia geral do Capitão do Porto Sr. Capitão Ten. Jorge Alberto Carvalhal, começaram a pôr-se em movimento as embarcações, indo em frente, belamente embandeirada, a que levava o andor de N. Sra. dos Navegantes. Era incalculável a massa de povo que ia

¹¹ Reverendíssimo.

¹² O termo “marítimo”, totalmente impróprio, aparece também nas estampas comemorativas encontradas.



embarcada, vários milhares, extraordinária a multidão que se premia no cais, sendo de notar que, pelas margens, de quando em quando se via muita gente estacionada ou acompanhando até certos pontos, e ainda muitos autos. Era indizível a alegria do povo, grande a piedade e o entusiasmo, devendo-se salientar que em todo o percurso nada de anormal se tenha dado, graças a N. Senhora e à atividade do Sr. Capitão, com o concurso do policiamento. Deu volta a procissão à altura da “Boca do Arroio”. Ao desembarcar, o Rvmo. Pároco fez uma oração a N. Sra. dos Navegantes. De volta seguiu a procissão pelas ruas Benjamin Constant, Álvaro Chaves, Gomes Carneiro até a Matriz, onde foi dada a bênção do Santíssimo. À noite, a comissão fez queimar vários fogos de artifício de borde de uma das embarcações no Porto, enquanto uma banda de música executava peças na Praça Domingos Rodrigues, atraindo assim para aquele ponto enorme massa de povo. Fica aqui registrada essa relação quase completa, para que conste o que foi a primeira procissão de N. Sra. dos Navegantes feita no ‘S. Gonçalo’, na cidade de Pelotas” (PRIMEIRO LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1912, p. 66, 67).

A imagem que o Padre Luiz Chierichetti faz em torno da Festa de Navegantes é quase poética, tais as palavras que ele utiliza para citar sua própria obra. A participação da marinha e dos marinheiros se faz destacar pela fala do pároco, mas a sua presença se dá no campo laico, sendo que no processo da procissão quem “*Toma Parte*”, na embarcação principal, é “*o clero, as Filhas de Maria desta Matriz, todas uniformizadas, membros da comissão de festas e mais pessoas gradas*”¹³. A população está presente em outras embarcações, “*massa de povo que ia embarcada*” ou estava a observar a partir do cais do porto ou margens, acompanhando em automóveis. A sua referência ao clima laico da festa é sempre entremeada pela visão mítica católica, “*a piedade*” do povo e a intervenção divina da Virgem Maria para que nada acontecesse de errado.

A Imagem de Navegantes é conduzida pelas ruas do bairro do Porto, embarca, dá uma volta por água até a “*boca do arroio*” Pelotas e retorna ao cais, seguindo ruas até a Igreja do Porto. Na praça da alfândega permanecia a festa mais laica, daqueles devotos e participantes que não pertenciam a associações religiosas, e talvez não tivessem embarcações ou recursos para pagar pelo embarque na procissão fluvial.

A Figura 03 é a fotografia de uma das Festas de Navegantes no Porto de Pelotas. O ano da fotografia não foi descoberto, mas é provável que não seja a primeira festa de Navegantes, que está sendo abordada. Porém, a mesma foi inserida neste momento do artigo por conter ícones destacados nas publicações acima. A Figura 03 apresenta embarcações participando da Procissão Fluvial de Navegantes em Pelotas.

Figura 3- Embarcações na procissão fluvial de Navegantes do Porto de Pelotas

¹³ Pessoas notáveis é o que deve se referir a palavra.



Fonte: Acervo particular da autora Alessandra Buriol Farinha.

Nenhuma das embarcações está conduzindo a Imagem de Navegantes, apenas os fiéis em procissão fluvial. No detalhe, a ornamentação dos barcos e a multidão de devotos embarcados na embarcação intitulada “*Silveira Martins*”. Pelo que se pode ver, a maioria são homens embarcados. Ao fundo, em outras embarcações, está a bandeira do Brasil, explicitando o movimento nacionalista que existia no começo do século no país, presente na Festa de Navegantes.

No Primeiro Livro Tombo da Paróquia do Porto (1912) no ano de 1933, consta no dia 5 de fevereiro: “*Festa solene de N. Sra. dos Navegantes. Antes de iniciar-se a missa, o Rvmo. Pároco procedeu à bênção do brigue-miniatura ‘São Francisco’, trabalho perfeito de antigos trabalhadores do trapiche S. Francisco, oferecido a N. Sra. dos Navegantes desta Matriz.*” Aqui é possível identificar a categoria social e cultural de indivíduos ligados a estivas nos trapiches da cidade. Nestes trapiches a circulação de mercadorias era intensa e a proximidade náutica evidente. Este grupo apresenta poucos estudos, o destaque sempre é feito sobre o estigma da sua atividade marcada pelo uso da força braçal, alcoolismo e relações promíscuas (OLIVEIRA, 2006), raramente por sua religiosidade.

O barco-andor, brigue-miniatura São Francisco, citado acima, utilizado na Procissão de Navegantes de 1933, pode ser verificado na Figura 04. Foi encontrado em boas condições de conservação no decorrer da pesquisa nas dependências da Igreja do Porto de Pelotas. A doação do barco-andor foi publicada também pelos meios de comunicação. Abaixo está a transcrição do periódico Diário Popular de 05 de fevereiro de 1933:

A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes será conduzida dentro de uma linda embarcação que recebeu o nome de São Francisco, confeccionada com rara habilidade pelos Senhores Natalio Zunini e José Gonçalves, funcionários



do Trapiche São Francisco, que ofereceram ao Senhor Francisco Antunes Gomes da Costa (DIÁRIO POPULAR, 05 de fevereiro de 1933).

A Figura 4 demonstra uma réplica perfeita de um barco de pesca a motor e à vela. O brigue-miniatura era utilizado como andor da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes. A Santa era colocada entre os dois mastros, no vão existente, e afixada para a procissão. De acordo com os depoentes, na parte inferior do barco eram instaladas as alças que possibilitavam que o brigue-miniatura e a Imagem de Navegantes fossem manualmente transportados pelos fiéis, marinheiros e paroquianos, da Igreja do Porto até o Cais do Porto e na volta. Não foi descoberto qual foi o ano que deixaram de utilizar o barco-andor. A suposição é que tenha deixado de ser usado quando a imagem foi transferida para a Colônia de Pescadores Z-3, nos anos 1970.

No periódico Diário Popular, a Festa de Navegantes foi evidenciada anualmente, desde sua primeira edição, por três décadas sem lacunas. As publicações costumavam ser veiculadas na véspera do evento, convidando, informando detalhes da programação, regras de navegação, valores, festeiros, atrações artísticas, ressaltando que se tratava de um dia de piedade e fé em Pelotas. Faziam referência ao pároco da igreja do Porto, responsável pela festa, e ao Capitão dos Portos, seu principal apoiador, autoridades civis e militares presentes, nomes de festeiros, dentre famílias e empresas apoiadoras, associações religiosas e uniformização das integrantes das mesmas, sucesso em número de participantes, entre fiéis e embarcações, o espetáculo do desfile fluvial, iluminação, transportes disponíveis, policiamento, bandas e corais que se apresentarão no evento, gastronomia, show de fogos de artifício, distribuição de *souvenirs*, presença de representantes de outros municípios, concurso de ornamento de embarcações dentre outras notícias sobre a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Conforme salientado, a maioria das publicações é acompanhada por fotografias da Festa, quase sempre da procissão fluvial, de embarcações lotadas de fiéis e ornamentadas. Neste âmbito, a pesquisa buscou encontrar notícias de violência, brigas ou acidentes náuticos, que envolvessem a Festa de Navegantes, para ressaltar eventuais conflitos envolvendo o evento, porém estes dados não foram encontrados.

Figura 4- Brigue-miniatura São Francisco, utilizado a partir da segunda procissão de Navegantes, em 1933



Fonte: Acervo pessoal da autora Alessandra Buriol Farinha.

Na Figura 5, do periódico Diário Popular de fevereiro de 1949, por exemplo, podem ser conferidas algumas destas imagens e informações, que enfatizam a multidão presente na Festa de Navegantes e o espetáculo pirotécnico:

Figura 5- Notícia da Procissão de Navegantes de Pelotas em 1949



Fonte: Diário Popular de Fevereiro de 1949.



De acordo com os antigos periódicos dos anos de 1950 a 1957, a Festa de Navegantes permanecia ocorrendo em Pelotas, anualmente, sem descaracterizações, organizada pelo Padre Chierichetti, pároco da Matriz do Porto, com o apoio da Capitania dos Portos, sem interrupções. Seguindo esta cronologia, no decorrer da pesquisa, foi percebida em 1958 a primeira situação de conflito interno envolvendo a procissão de Navegantes de Pelotas: o deslocamento do idealizador da festa, então Monsenhor Chierichetti.

Neste momento percebe-se que os festeiros, paroquianos, participantes da Festa de Navegantes, demonstram um sentido de pertença (BARTH, 1997) com relação ao Monsenhor Chierichetti e ao universo da Festa antes e depois de sua saída. Acredita-se que havia certo receio com relação a um novo pároco que pudesse não zelar pelo sentimento religioso protagonizado pelo Monsenhor Chierichetti através da devoção em Nossa Senhora dos Navegantes, tão importante para este grupo. Há uma relação clara de efetivação da liderança mítica relacionada ao padre fundador do processo, o seu afastamento em vida, gerava uma ideia de ruptura desnecessária.

Porém, o mesmo traço de identidade cultural do qual derivava uma sensibilidade religiosa comum em torno de Navegantes encontrado no Padre Chierichetti e nos fiéis do bairro estendeu-se por referência ao carisma posterior do jovem Padre Olavo Gasperin. Pode ser extraído o que chamamos de “conflito interno” em torno da antiga Procissão de Navegantes. É necessário descrever os conflitos, as incoerências encontradas no decorrer da pesquisa para não aceitar facilmente o *postulado do sentido da existência* narrada (BOURDIEU, 2006, p. 184). Com o afastamento de Chierichetti, há a evasão de personagens importantes da procissão de Navegantes, dentre organizadores e participantes. Apesar disso, não foram identificadas maiores alterações na Festa de Navegantes, esta ruptura na unidade, conforme as notícias dos periódicos da época (1958, 1959, 1960), como se pode verificar abaixo.

O periódico Diário Popular confirma o esplendor da Festa de Navegantes de 1958: “*Foi extraordinária a afluência de fiéis às Festividades da Santa Padroeira dos Marítimos*”. Fala também sobre a participação do Rebocador Tridente da Marinha de Guerra, que pode ser verificada na Figura 6:

Figura 6- Notícia da Procissão de Navegantes de Pelotas em 1958.



Fonte: Diário Popular, fevereiro de 1958.

Um ano após o Pe. Olavo Gasperin assumir, no periódico Diário Popular de 31 de janeiro de 1959, é publicado como de costume que o pároco e a comissão de festas convidam os munícipes para a Festa de Navegantes. A notícia confirma que a saída do Pe. Chierichetti não atingiu a logística da procissão, pelo menos de imediato. A procissão de 1959 “*contaria com a guarda de honra formada pelas senhoritas da Pia União das Filhas de Maria e pelas Rosaristas com seu uniforme característico*” (DIÁRIO POPULAR, 31 de janeiro de 1959). Ainda destaca que a “*massa humana*” contará com a presença da Banda de Música da 4ª B. C. da Brigada Militar. O Capitão dos Portos permanece sendo o Sr. Enio Moura do Valle, citado em depoimentos acima. Para finalizar o convite, o periódico coloca: “*Afiguram-se assim, plenamente exitosas como sempre, as festividades em louvor a Nossa Senhora dos Navegantes que encerra entre nós um aspecto tipicamente popular*” (DIÁRIO POPULAR, 31 de janeiro de 1959).

A publicação posterior à Festa de Navegantes deste mesmo ano foi veiculada no dia 04 de fevereiro de 1959, e enfatizou a procissão marítima com “*enormes lanchas paramentadas, abarrotadas de fiéis*” em “*espetáculo imponente*” (DIÁRIO POPULAR, 04 de fevereiro de 1959). Importante salientar que o periódico permanece priorizando as imagens e notícias da procissão fluvial em detrimento da procissão terrestre, destacando as regras para navegação e o concurso de ornamentação de barcos que acompanham a imagem da Virgem Maria. Isto nos leva a acreditar que a procissão fluvial de Navegantes seria um verdadeiro espetáculo em quantidade de embarcações, lotação e ornamentação. A Festa de Navegantes, portanto, no ano de 1959, mesmo com a saída do Pe. Chierichetti, não sofreu alterações significativas, contando com o clero, associações religiosas de costume, Capitania dos Portos, multidão de fiéis e atrações conforme os anos anteriores.

No ano de 1960 a pesquisa do periódico Diário Popular de 04 de fevereiro encontra pequenas alterações na Festa de Navegantes com relação aos anos anteriores. Foram noticiadas a presença de mais de 5 mil pessoas, a participação de autoridades civis, militares e eclesiásticas transportadas em lancha especial, mais de 12 lanchas disponíveis para o público, dentre outras informações. Porém estas estão em pequeno espaço no jornal, sem maiores ênfases e sem fotografias. Importante salientar algo que pode estar relacionado com a posterior descaracterização da festa: publicou-se neste dia a mudança do Capitão dos Portos, para a festa de 1960 estaria à frente da Capitania o Sr. José do Cabo Teixeira de Carvalho (DIÁRIO POPULAR, 04 de fevereiro de 1960).

Em 1961 a configuração da procissão é a mesma dos anos anteriores. Porém neste ano, pela primeira vez o periódico publica fotografia da procissão terrestre, da imagem de Navegantes sendo conduzida por uma multidão, provavelmente na Rua Benjamin Constant (Figura 07). Percebe-se na Figura 07 a presença de um carro de som para acompanhar a procissão, o que pode significar a ausência da banda de música, existente nos anos anteriores. Abaixo da fotografia, o periódico publica: *“Rodeado por centenas de fiéis, o andor de Nossa Senhora dos Navegantes foi carregado, em triunfo, até a embarcação-capitânea da procissão fluvial. Foi um belo espetáculo de fortaleza cristã”* (DIÁRIO POPULAR, 04 de fevereiro de 1961).

Figura 7- Fotografia da procissão terrestre de Nossa Senhora dos Navegantes



Fonte: Diário Popular, 04 de Fevereiro de 1961.

Conforme visto, a festa de Navegantes do Porto de Pelotas despontou, entre 1932 a 1962 como um dos maiores eventos religiosos da região, sendo aclamada pela comunidade de Pelotas

e região. Foi instituído um vínculo entre a devoção mariana de Navegantes e a comunidade do bairro do Porto, que participava ativamente da organização da festa. A seguir veremos de que forma se deu o processo de transferência da festa de Navegantes para a Colônia de Pescadores Z-3 de Pelotas.

A Preconização do Esquecimento da antiga Festa de Navegantes

A partir do ano seguinte começa a ocorrer o que foi uma das motivações principais para a pesquisa: a descaracterização e esquecimento da antiga Festa de Navegantes de Pelotas. Nas notícias da Festa de Navegantes de 1962 percebeu-se uma ruptura fundamental, algo do qual os depoentes falam, mas cujas memórias não identificam ao certo as datas. O periódico Diário Popular, em contracapa, convida para a Festa de Navegantes “*Organizada pela Capitania dos Portos, com a colaboração da Igreja Matriz do Porto*” (DIÁRIO POPULAR, 04 de fevereiro de 1962). O restante da logística da Festa não foi alterada, comissões, rituais, percurso. Porém, essa alteração explícita de liderança sobre a Festa de Navegantes, que passa a não ser mais da Igreja do Porto com a colaboração da Capitania, mas o oposto, preconizava uma série de alterações futuras no evento originalmente idealizado pelo Monsenhor Chierichetti. Essas alterações passam a ser percebidas no ano seguinte, conforme segue. Pode ser salientado que, o ano de 1962 foi, portanto, o último em que a antiga Festa de Navegantes de Pelotas ocorreu em sua formatação original.

Em 31 de janeiro de 1963, o periódico Diário Popular convidava a população de Pelotas para a Festa de Navegantes. Porém, esta seria uma festa com nova programação, que diferia totalmente das trinta edições anteriores da Procissão. *Às 8 horas, saída da Matriz do Porto com destino à Colônia de Pesca São Pedro (procissão motorizada), em Arroio Sujo¹⁴, à margem da Lagoa dos Patos, proximidades do Balneário Santo Antônio no Laranjal. Missa em Arroio Sujo. Almoço no local, por adesão, no valor de Cr\$300,00, ingressos à venda na Capitania dos Portos (o periódico informa que o lucro do almoço será revertido para as obras da capela a ser construída na Colônia). Às 15 horas saída da Imagem de Navegantes (procissão fluvial), conduzida pelos pescadores pelo Canal São Gonçalo, até a Barra, onde estarão esperando as embarcações do Porto de Pelotas. A procissão fluvial segue pelo Canal, até a “ponte rodoviária”, voltando em seguida para atracar no Porto de Pelotas. A Imagem de Navegantes é desembarcada e realiza-se missa campal no Largo da Alfândega (Praça Domingos Rodrigues), e logo procissão terrestre com a Imagem de Navegantes até a Matriz do Porto* (DIÁRIO POPULAR, 31 de janeiro de 1963).

A Procissão de Navegantes é, como se percebe acima, completamente desmantelada de sua formatação original. A centralidade da festa é retirada de seu território original (Bairro do

¹⁴ Atual Colônia de Pescadores Z-3.



Porto), pela primeira vez em três décadas. O periódico, nesta mesma publicação, enfatiza que a comissão organizadora (Capitania dos Portos) disponibilizou um ônibus para a viagem de ida e retorno, para os interessados em deslocamento até a Colônia de Pescadores, em Arroio Sujo. Não foi informado na publicação se o transporte disponibilizado foi cobrado (como o almoço, por adesão), por isso, entende-se que a Capitania dos Portos disponibilizou por sua conta este transporte para os devotos de Navegantes da zona urbana. Acredita-se que esta benevolência da comissão organizadora ocorreu apenas no primeiro ano, pois não foi anunciada nas publicações dos anos posteriores.

São aspectos interessantes para a pesquisa desta publicação a ênfase ao almoço beneficente e a disponibilização do transporte até a Colônia de Pescadores, fatores considerados como positivos para tentar “agradar” a uma massa popular que, de certa forma, perderia a Festa de Navegantes do Bairro do Porto no ano de 1963. Pode se afirmar que apenas um ônibus (disponibilizado pela organização) não abarcou todos os devotos de Navegantes que não tinham condições de deslocar-se por sua conta, e que o deslocamento particular não era economicamente possível para a grande maioria. Entende-se assim que a nova programação da Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes de Pelotas pode não ter agradado à comunidade, principalmente aos devotos de Navegantes moradores do Bairro do Porto, algo verificado na fala dos moradores idosos até os dias atuais.

Mesmo assim, o periódico Diário Popular de 05 de fevereiro de 1963, posterior ao evento, publicou, sobre a Festa de Navegantes, o sucesso do almoço beneficente e a satisfação dos moradores da Colônia de Pescadores com a realização da Festa na localidade. Anunciou-se na publicação a parceria de uma comissão permanente da Colônia de Pescadores Z-3 na organização da Festa de Navegantes de Pelotas. Não foi citada a participação de festeiros (promotores da festa), Filhas de Maria, Rosaristas¹⁵ ou a comissão da Matriz do Porto, ou seja, entende-se que este é o principal momento de ruptura, de conflito que compreende principalmente os fiéis do Porto de Pelotas, mesmo que a mídia local publique o contrário. Este é o momento descoberto pela pesquisa, em que começa o esquecimento da antiga Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes.

No ano seguinte, 1964, manteve-se a nova programação acima descrita. Um automóvel do corpo de bombeiros conduziria a Imagem de Navegantes em procissão terrestre para a Colônia de Pescadores Z-3 pela manhã do dia 2 de fevereiro. Publica-se que houve batismos e *shows* populares durante a Festa. O Capitão dos Portos, responsável pelo evento, passa a ser o Sr. Nayrton Amazonas Coelho. O Pe. Olavo Gasperin foi citado pela publicação como participante da Festa. Como já salientado acima, a publicação não cita que a Capitania dos Portos disponibilizou transporte até a Colônia de Pescadores Z-3 para os fiéis do Porto de

¹⁵ Associações religiosas que sempre participaram da Festa de Navegantes, desde sua primeira edição, em 1932, ajudando assim a cultivar a devoção dos moradores, trabalhadores do bairro do Porto e população de Pelotas em Nossa Senhora dos Navegantes.

Pelotas, portanto, participaram da Festa de Navegantes os devotos que tinham recursos financeiros para pagar pela viagem. A publicação afirma que “*é crescente a participação de automóveis particulares na procissão motorizada*” (DIÁRIO POPULAR, 04 de fevereiro de 1964).

Outras mudanças são verificadas nas publicações posteriores. Em 1965, a Imagem de Nossa Senhora dos Navegantes da Paróquia do Porto começa a participar de um tríduo¹⁶ envolvendo três localidades. No dia 31 de janeiro de 1965 a Imagem de Navegantes deixa a Igreja do Porto às 18 horas, em embarcação para a Ilha da Feitoria. No dia 1º de fevereiro, após solenidades, vai embarcada até a Colônia de Pescadores Z-3. Enfim, no dia 2 de fevereiro, após as festividades na Colônia, a imagem volta por via fluvial até o Porto de Pelotas. Há missa campal e após regressa à Matriz do Porto (DIÁRIO POPULAR, 02 de fevereiro de 1965). Este é, portanto, o primeiro ano em que os moradores do Bairro do Porto, os quais participavam da Festa de Navegantes por mais de três décadas, anualmente, ficam sem a Imagem da Santa durante todo o dia 02 de fevereiro, a recebendo apenas na noite do dia da Procissão. O bairro perde a movimentação, as bênçãos, a festa, as barraquinhas de quitutes, os *shows*, a vida trazida pela festa religiosa.

Em 1968 a programação começa pelo mesmo tríduo citado acima, porém, a Imagem de Navegantes volta para a Matriz do Porto de Pelotas em procissão motorizada, sendo conduzida pelo Corpo de Bombeiros. Novamente, a publicação não fala sobre a participação do clero, associações religiosas, Filhas de Maria, Rosaristas ou expõe qualquer relação da Festa de Navegantes com o Bairro do Porto de Pelotas (DIÁRIO POPULAR, 04 de fevereiro de 1968). Conforme já colocado, os moradores vêm, neste período, a Imagem de Nossa Senhora dos Navegantes partir, três dias antes da Festa, e a recebem na noite do dia 2 de fevereiro. Não há mais a organização, a participação da comunidade do Bairro do Porto na Festa de Navegantes.

Nos anos posteriores, a situação com relação à Festa de Navegantes permanece a mesma. Já nos anos 1972 e 1973 o periódico Diário Popular, utilizado como importante referência histórica para a pesquisa, que há quatro décadas convidava e informava os munícipes sobre a Procissão de Navegantes, não publicou notícia alguma sobre o evento religioso. Observa-se que há nestes anos notícias sobre a Festa do Orixá Iemanjá no Balneário dos Prazeres, no Laranjal, próximo à Colônia de Pescadores Z-3. Isto pode significar a principal lacuna na realização da tradicional Festa de Navegantes de Pelotas.

Considerações finais

De acordo com Pollak (1989), diferentes pontos de memória pessoal formam a coletividade. Conforme visto, a tradição de fé e devoção representada pela antiga procissão de

¹⁶ Festa eclesialística que ocorre durante três dias (FERREIRA, 2004, p. 1991).

Navegantes de Pelotas é um exemplo de memória popular que se dissipou através das décadas. O objetivo principal proposto neste artigo, de recuperar parte da história e memórias da Festa de Navegantes do Porto de Pelotas, RS foi alcançado através da pesquisa em referencial teórico, em documentos, fontes primárias e antigos periódicos.

A pesquisa verificou que a devoção a Navegantes foi algo inventado no Bairro do Porto, pelo pároco da Matriz Sagrado Coração da Jesus, Pe. Luiz Chierichetti, no ano de 1932, e cresceu em participantes, festeiros, embarcações, diferentes grupos durante três décadas, sendo possivelmente a maior festa religiosa da cidade durante este período.

O material estudado, retirado de periódicos históricos de Pelotas, destaca a importância social da Procissão de Navegantes para o município. De acordo com as leituras expostas, a procissão era um evento que reunia fiéis de diferentes municípios, envolvendo o clero, setor público, autoridades militares, atrações artísticas, impulsionando o comércio local através da venda de gêneros alimentícios e locação de barcos, e principalmente reforçando a identidade da comunidade do Bairro do Porto no que se refere à devoção a Nossa Senhora dos Navegantes.

Na pesquisa em antigos periódicos da cidade, aliada aos depoimentos e pesquisa histórica, foi descoberto que a devoção a Nossa Senhora dos Navegantes era intensa na cidade de Pelotas, caracterizando um importante e grandioso evento religioso popular que envolvia diversos atores sociais, moradores do bairro, munícipes em geral, o clero, associações religiosas, autoridades civis e militares. Conforme dito, foi percebida também a possibilidade de existir o sentimento de pertença a essa devoção mariana apenas no dia da festa, para celebrar com a massa popular, mesmo sem o foco na devoção em Nossa Senhora dos Navegantes, com a intenção de comer, beber, fazer festa, assistir aos fogos, comemorar. Os antigos periódicos salientam a importância religiosa, social, cultural e econômica da Festa de Navegantes, dando ênfase aos financiadores, organizadores e lideranças do evento. Desta forma, a devoção em Navegantes em Pelotas em meados do século XX pode ter inferido na identidade social dos habitantes da cidade, sobretudo os moradores e trabalhadores do Bairro do Porto.

Os periódicos também mostraram que existiam lideranças diretas, primeiramente representadas pelo clero, os párocos da Igreja do Porto, e logo pela representação maior da Marinha na cidade, o Capitão dos Portos. Conforme descoberto, no começo, a atuação do Capitão dos Portos na liderança da Festa de Navegantes busca de certa forma uma invisibilidade. Com a mudança de lideranças que a Festa de Navegantes começa seu processo de transferência e descaracterização, mesmo que esta motivação não apareça em depoimentos. Porém, é incitada a reflexão de, até que ponto a Capitania dos Portos tinha autonomia para intervir no espaço, no território de um evento religioso? Neste contexto, pode se refletir que a diocese de Pelotas consentiu com o deslocamento da Imagem e descaracterização da antiga Festa de Navegantes do Porto de Pelotas, mesmo que os documentos históricos acusem apenas a instituição da marinha.



Assim, a Festa de Navegantes pode ser considerada como um fato cultural, social e religioso que contribuiu na qualificação do Bairro do Porto como um lugar de memória (NORA, 1984). Desta forma, o Bairro do Porto pode ser considerado um “lugar privilegiado”, carregado de emoção, lembranças, referências perenes que desafiam ao tempo (CANDAU, 2011, p. 156). Atualmente o bairro sofre com o abandono de praças e locais públicos, recebendo poucos visitantes para o lazer. A movimentação do bairro é de moradores, que não mais trabalham no bairro, têm que se deslocar para seus empregos em outros lugares da cidade. Há casas e grandes prédios abandonados, caracterizando um local de desuso e abandono, comparando com sua história de progresso e prosperidade. Pode ser salientado neste contexto o valor das festas religiosas para um lugar, no sentido de ser um momento para viver, sociabilizar, se alegrar e trocar experiências, ou seja: constituir memórias. Montenegro (2012) coloca que a paisagem são as pessoas, os habitantes. A paisagem marca a identidade do local. Esta é a relação intrínseca que se estabelece do local com a antiga Festa de Navegantes. O “esquecimento” não é apenas com relação ao evento religioso, mas com relação ao lugar, esquecido e abandonado pela sociedade. De acordo com as definições acima, pode-se afirmar que o deslocamento da festa pode ter colaborado para a estagnação social e cultural do bairro do Porto.

Este estudo de recuperação das memórias da antiga Festa de Navegantes pode ser complementado, pois ainda há fontes a serem consultadas com relação à memória e esquecimento do antigo evento religioso sob diferentes enfoques. De acordo com Candau (2011, p. 09) a memória é mais um enquadramento que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável.

Referências Bibliográficas

CANDAU, Joel. **Antropologia de La memória**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

BARTH, Fredrick. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENAR, Jocelyne. Teorias da etnicidade. São Paulo: UNESP, 1997. p. 185-228.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão Biográfica**. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

DEL PRIORI, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo, Brasiliense, 2000.

DIÁRIO POPULAR. **Acervo do Jornal**. 28 de janeiro de 1932; 30 de janeiro de 1932; 31 de janeiro de 1932; 02 de fevereiro de 1932; 05 de fevereiro de 1933; 04 de Fevereiro de 1949; 04 de Fevereiro de 1958; 31 de janeiro de 1959; 04 de fevereiro de 1959; 04 de fevereiro de 1960; 04 de fevereiro de 1961; 04 de fevereiro de 1962; 31 de janeiro de 1963; 05 de fevereiro de 1963; 04 de fevereiro de 1964; 02 de fevereiro de 1965; 04 de fevereiro de 1968; 02 de fevereiro de 1972; 02 de fevereiro de 1973.

ESSINGER, Cintia Vieira. **Entre a Fábrica e a Rua: A companhia Fiação de Tecidos Pelotense e a criação de um espaço operário, bairro da Varzea, Pelotas – RS (1953 – 1974)**. 2009. 178 f. Dissertação (Mestrado-Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio cultural). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Ed. S.A., 1989.**

NORA, Pierre. **Entre mémoire et histoire: La problématique des lieux**. In: NORA, Pierre (org.). Les Lieux de mémoire. Paris: Gallimard, 1984. Vol.1 La République, 1984.

OLIVEIRA, Carlos Alberto de. **Imagens de estivadores**. In: III ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: “PODER, CULTURA E DIVERSIDADE”, 2006, Caetité. Anais do III Encontro Estadual de História: “Poder, Cultura e Diversidade”, UNEB/Campus, 2006, p.01-09. Disponível em: <http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/carlos_alberto.pdf> Acesso em 05 ago 2012.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Revista Estudos Históricos, v. 02, n. 03, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2278>> Acesso em 05 ago. 2012.

Primeiro Livro Tombo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, 1912.

Primeiro Lustrro da Diocese de Pelotas. Pelotas: Tipografia do Centro, 1916.